

## I

De tudo que é mais belo queremos descendência,  
Para que assim nunca morra a rosa da beleza,  
Pois se o mais velho com os anos cessa a existência,  
Seu tenro herdeiro a lembrança mantém acesa.  
Mas tu, que a teus próprios olhos te reduziste,  
Nutres tua chama com íntima combustão,  
Onde abunda a beleza, uma carência viste,  
Inimigo de ti mesmo, para ti sem compaixão.  
Tu que és do mundo juvenil ornamento,  
Arauto que anuncia a primaveril beleza,  
Em teu próprio botão enterras teu prazimento,  
Generoso avaro, pródigo em tua avareza.  
    Apieda-te do mundo, para glutão não seres,  
    Quando tu e a campa o que é dele comerdes.

## II

Quando quarenta invernos em tua frente abrirem  
Fundas trincheiras em teu campo de beleza,  
As vistosas vestes juvenis que agora em ti virem  
Serão, então, trapos gastos, desprezível pobreza.  
Ao perguntarem-te onde tua beleza está,  
E o tesouro de teus ardentes dias jaz,  
Dizer que em teus olhos cavos tudo se achará,  
Seria inúteis elogios e vergonha voraz.  
O uso da beleza maior louvor receberá,  
Se pudesses responder: “Este belo filho meu  
Saldará as contas e minha idade desculpará”,  
Sua beleza prova que é o sucessor teu.  
    Isso seria fazer jovem quem velho se sente,  
    E ver o sangue que tens frio correr quente.

### III

Olha-te ao espelho e diz ao rosto que mirares:  
São horas de gerares um novo rosto;  
Se o seu aspecto jovem tu não renovares,  
Enganas o mundo, à futura mãe causas desgosto.  
Onde está aquela cujo ventre intocado  
Desdenhe o trabalho da tua lavoura?  
Ou é tão tolo que tenha desejado  
Ser cova de amor-próprio e da geração vindoura?  
Ao ver-te, tua mãe vê-se ao espelho,  
E em ti recorda o doce Abril da juventude.  
Assim, tu verás que, apesar de velho  
E das rugas, este é o tempo da plenitude.  
    Mas se viveres decidido a ser esquecido,  
    Morre solteiro, e tua imagem morre contigo.

#### IV

Porque gastas, meu generoso esbanjador,  
Só contigo, a herança da tua beleza?  
Generosa, só dá a quem generoso for,  
Apenas empresta, nada nos dá a natureza,  
Assim, belo avarento, porque é que abusas  
Da beleza a ti dada para ser transmitida?  
Usurário sem lucros, porque é que usas  
Tão grandes somas, mas renuncias à vida?  
Por só contigo próprio negócios consentires,  
É teu doce eu que estás a enganar;  
Assim, ao dizer-te a Natureza que é hora de te ires,  
Que balanço aceitável podes tu deixar?  
Tua beleza não partilhada contigo vai para a cova,  
Mas se o for, em teu herdeiro se renova.

V

Essas horas que moldaram gentilmente  
O belo rosto onde todo o olhar se demora,  
Para o rosto serão um tirano inclemente,  
Desfeando o que tudo em beleza excede agora.  
Pois o Tempo, que não pára, conduz o Verão  
Ao terrível Inverno que o reduz a nada,  
O frio congela a seiva, as folhas cairão,  
A neve esconde a beleza da terra desolada.  
Se a destilação do Verão não fosse feita,  
Prisioneira líquida num frasco de vidro,  
A acção da beleza seria desfeita,  
A memória de tudo ter-se-ia perdido.  
    Flores destiladas sobrevivem ao Inverno:  
    No perfume que fica, seu ser vive eterno.